

## Presenza da língua castelhana na literatura popular galega

**José Luís Forneiro**

### Formas de citación recomendadas

#### 1 | Por referencia a esta publicación electrónica\*

FORNEIRO, JOSÉ Luís (2011 [2005]). “Presenza da língua castelhana na literatura popular galega”. *Agália*: 81-82, 97-119. Reedición en *poesiagalega.org. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/210>>.

#### 2 | Por referencia á publicación orixinal

FORNEIRO, JOSÉ Luís (2005). “Presenza da língua castelhana na literatura popular galega”. *Agália*: 81-82, 97-119.

\* Edición dispoñible desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

© O copyright dos documentos publicados en *poesiagalega.org* pertence aos seus autores e/ou editores orixinais.

## Presença da língua castelhana na literatura popular galega

José Luís Forneiro

(Universidade de Santiago de Compostela)

Como já temos indicado em diversas ocasions, o romance tradicional na Galiza, tal como se passa nas outras áreas hispánicas nom castelhanas, é um género em que está mui presente a língua de Castela. Este facto revela, por um lado, a orige do romanceiro ibérico, assi como a respectiva história sociolingüística dos povos da periferia peninsular: enquanto no romanceiro português actual mal achamos castelhanismos lingüísticos, nas versons das áreas leonesas están quase completamente ausentes as falas autóctones, porém, os romanceiros da Catalunha e da Galiza apresentam um bilingüismo, mais castelhano no caso galego que no caso catalám<sup>(1)</sup>.

Mas o castelhano nom tem estado ausente nas outras manifestaçons literárias que acompanhárom secularmente aos membros das comunidades tradicionais galegas nos momentos de lazer e de trabalho. O uso do castelhano nos diversos géneros do folclore literário da Galiza tem sido umha realidade ocultada, ou bem reconhecida com dô, pola maioria dos estudosos galegos que se ocupárom da literatura popular do país. Estas actitudes respondiam à procura dos ilustrados do século XVIII e dos románticos do século XIX dum povo galego livre das influências da língua e da cultura do centro peninsular; a este preconceito somárom-se no século XX dous novos factores: a consideraçom da literatura galega como a literatura expressa nesta língua, e a concepçom da língua galega como um idioma independente do português desde o século XV (e mesmo antes) e "limpo" de contactos com a língua castelhana até datas mui recentes.

---

(1) Sobre o contacto de línguas no romanceiro da tradiçom oral da Galiza vid. de José Luís Forneiro, *El romanceiro tradicional de Galicia: una poesía entre dos lenguas*, Oiartzun, Sendoa, 2000 e *Allá em riba un rey tinha una filha. Galego e castelhano no romanceiro da Galiza*, Ourense, Difusora, 2004.

Destarte, para investigadores como o Padre Sarmiento as composições transmitidas em castellano só podiam pertencer às camadas mais superficiais do saber tradicional galego<sup>(2)</sup>. No século XIX Marcial Valladares<sup>(3)</sup>, Antonio de la Iglesia<sup>(4)</sup> ou Manuel Murguía<sup>(5)</sup> lamentárom ou minimizárom o emprego de umha língua alheia na literatura galega de tradiçom oral, e já no século passado Xaquín Lourenzo censurava a falta de "sentido crítico" dos *labregos* por cantarem cantigas de outros cancioneiros<sup>(6)</sup>; Manuel Fabeiro Gómez<sup>(7)</sup> e Ramón Cabanillas<sup>(8)</sup> constatavam com desagrado a influênci doutras culturas no acervo popular galego, e o conservadorismo de ambos fazia que considerassem como motivo de escândalo a presença de diversos géneros da cançom popular urbana em língua espanhola (o tango, o mambo, o cuplé, o flamenco, etc.) nas bocas das classes populares da Galiza<sup>(9)</sup>; Antón Santamarina e Dorothé Schubarth incluíam, num primeiro momento, com mais incómodo que resignaçom as composições em castelhano habituais da literatura oral<sup>(10)</sup>, e Clodio González Pérez viu no uso do castelhano no folclore literário umha inequívoca prova de auto-ódio das clases subalternas para com a sua cultura<sup>(11)</sup>.

A nom assunçom da existênci do castelhano junto das camadas populares evidencia umha atitude paternalista, à par que ideologicamente interesseira, das classes letradas galeguistas, umha vez que no âmbito urbano ou letrado som reconhecidas as bondades do pluri-

---

(2) *Apud* José Luis Pensado, "Sociología de las coplas gallegas", *El gallego, Galicia y los gallegos a través de los tiempos*, A Coruña, La Voz de Galicia, 1985, p. 192.

(3) *Apud* Domingo Blanco, *A poesía popular en Galicia 1745-1885*, vol. I, Vigo, Edicións Xerais, 1992, pp. 56-57.

(4) Antonio de la Iglesia, *El idioma gallego*, vol. III, La Coruña, La Voz de Galicia, 1886, p. 104.

(5) Manuel Murguía, *Historia de Galicia*, La Coruña, Librería de Eugenio Carré, 1901<sup>2</sup>, p. 298.

(6) Xoaquín Lorenzo Fernández, *Canigueiro popular da Limia Baixa*, Vigo, Galaxia-Fundación Penzol, 1973, p. 259.

(7) "Cancionero de Muros", *Boletín de la Real Academia Gallega*, t. 30, núms. 345-360, 1968, p. 60.

(8) *Cancionero popular galego*, Vigo, Galaxia, 1972<sup>2</sup>, p. 78.

(9) Na Catalunha o crego Josep Torras i Bages (1846-1916), o principal teórico do nacionalismo catalán conservador, junto ao jornalista Joan Mañé i Flaquer (1823-1901), detestava as músicas urbanas, principalmente o flamenco: "En asuntos culturales Torras i Bages también adoptaba la línea dura. Estaba en favor de la cultura popular, los festivales, de cualquier cosa que surgiese <de la gente>; y en contra de la modernidad, la internacionalización y lo que ahora podríamos ver como una primera cultura pop. Los bailes de la plaza del pueblo, bien; el baile en los salones, mal. Todo es vanidad: <La moda huera consigue corromper el buen gusto natural [...] en la actualidad, Cataluña está inundada de canciones castellanas, y se olvidan las hermosas y sinceras canciones catalanas>. En particular, profesaba auténtico odio hacia el creciente gusto popular por el flamenco, que se había propagado desde sus orígenes en Andalucía" (Robert Hughes, *Barcelona*, Barcelona, Anagrama, 2002<sup>6</sup>, p. 417).

(10) Dorothé Schubarth e Antón Santamarina, *Cancionero galego de tradición oral*, A Coruña, Fundación Barrié de la Maza, 1982, p. 27.

(11) Clodio González Pérez, "Aproximación á antropoloxía e conflito de linguas en Galicia", em *I Coloquio de Antropoloxía de Galicia* (Santiago, Febrero-1982), Sada, Cadernos do Seminario de Estudios Galegos, nº 45, Edicións do Castro, 1984, p. 155.

lingüismo, ou som apreciados os cantos e danças doutras culturas. Todavia, nesses ambientes é julgada como perniciosa a presença de línguas e de manifestações culturais foráneas no contexto da cultura tradicional. Esquece-se, por um lado, que nem aí há nada menos nacional que o folclore (como bem dizia Menéndez y Pelayo) ou que a diglossia, quer intralingüística, quer interlingüística, existe nas situações comunicativas e na literatura oral tanto das comunidades bilingües como as monolingües; consequentemente, o emprego de distintos registos ou línguas nem sempre implica uma atitude negativa para com os idiomas ou variedades próprias ou cotidianas<sup>(12)</sup>.

Se o romance tradicional tem sido transmitido durante séculos na Galiza numa língua mista em que predomina o castelhano, nas outras amostras da literatura popular a participação da língua de Castela é muito menor e, sem dúvida, mais recente, pois nasce do maior contacto do "vulgo" com o mundo exterior, graças, sobretudo, ao ensino e aos meios de comunicação. A pobre recollecção de textos literários folclóricos galegos em época contemporânea, tal como a procura nestes de todo o tipo de traços diferenciais a respeito de Castela, nem nos permitem saber ao certo até que ponto os investigadores galegos prescindiram ou retocaram as composições da literatura popular que topáram em castelhano. Em datas recentes, a pesar da inclusão de textos nesta língua rigorosos e fundamentais trabalhos de Schubarth e de Santamarina, houve quem prescindisse dos materiais em castelhano na edição da poesia popular galega publicada de 1745 a 1885 (em prejuízo do acervo popular galego e da oralística<sup>(13)</sup>).

Ao nosso parecer, a maioria dos recolectores galegos dos últimos cento e cinquenta anos deixaram de anotar ou de publicar aquelas composições em castelhano porque se tem considerado os textos total ou parcialmente nesta língua como um fenômeno recente e superficial no folclore da Galiza. Sem dúvida, o célebre processo de castelhanização que produzido nas comunidades rurais galegas durante as últimas décadas repercutiu na literatura residual ainda conservada, mas nem devemos esquecer os testemunhos do século XIX anteriormente assinalados, a que

(12) Dous interessantes artigos recentes recolhem o uso dumha língua alheia em textos da literatura oral, concretamente sobre o emprego do castelhano em orações dos judeus portugueses (José Manuel Pedrosa, "La bendición del día: correspondencias cristianas y judías de una canción de alba hispanoportuguesa", *Entre la magia y la religión: oraciones, conjuros, ensalmos*, Oiartzun, Sendoa, 2000, pp. 20-29) e sobre uma canção em inglês macarrónico de Menorca (Simon Furey, "Echoes of empire: a remnant of english in the folk song of the Balearic Islands, *Estudos de Literatura Oral*, nº 6, Universidade do Algarve, 2000, pp. 77-82).

(13) Blanco, *A poesía popular...*, p. 112.

podemos acrescentar o de Saco y Arce que certificou com objectividade a participação do castelhano na literatura popular da Galiza<sup>(14)</sup>.

### O romanceiro vulgar nom tradicionalizado

Embora o romanceiro vulgar, também conhecido como romance de cego ou de cordel<sup>(15)</sup>, tenha chegado a tradicionalizar muito o seu discurso<sup>(16)</sup> nas suas versões galegas, curiosamente apenas integrou neste formas lingüísticas autóctones, e, em boa lógica, os romances de cego nom tradicionalizados ainda oferecem menos galeguismos lingüísticos.

Dentro do romanceiro vulgar os romances notícieros locais, aqueles que relatam acontecimentos extraordinários na monótona vida do lugar e que estão vinculados mais directamente à vida da comunidade, costumam manifestar-se em galego, mas, o idioma de Castela nem sempre está ausente neste tipo de canções narrativas locais. Sem dúvida, o facto do carácter marcadamente castelhano do resto do romanceiro semiculto fai que se componham também nesta língua "romances" sobre a realidade mais imediata:

-Ahora voy a contarle lo que aquí ha sucedido  
en Castromil de Galicia con dos mujeres de abrigo<sup>(17)</sup>.

-Escuchen, mi auditorio, una copla verdadera  
un caso que sucedió a un marinero de tierra,  
el cual se metió a piloto en la barca de Losada<sup>(18)</sup>.

En la provincia de Orense, Castromil se llama el pueblo,  
ocurrió una disgracia en las tierras del Penedelo<sup>(19)</sup>.

---

(14) Juan Antonio Saco y Arce, *Literatura popular de Galicia*, Ourense, Deputación Provincial, 1987, pp. 45-46.

(15) Este género da poesia narrativa, que nasceu nos fins do século XVI e inícios do XVII, caracterizava-se polos seus assuntos trágicos e pelo seu estilo pomposo e foi difundido principalmente, até hai poucas décadas, polos cegos em folhetos de cordel. Sobre as diferenças entre este género e o romanceiro tradicional *vid. o esclarecedor artigo de Diego Catalán, "El romance de ciego y el subgénero <romancero tradicional vulgar>", Arte poética del romancero oral. Parte Iª. Los textos abiertos de creación colectiva*, Madrid, Siglo XXI, 1997, pp. 325-362.

(16) Ou seja, a renová-lo em variantes, quer no plano da expressão, quer no plano do conteúdo.

(17) Dorothé Schubarth e Antón Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego*, vol. IV, A Coruña, Fundación Barrié de la Maza, 1988, p. 50, nº 40.

(18) *Ibidem*, p. 59, nº 70.

(19) *Ibidem*, p. 62, nº 84. Na mais recente colección de Xosé Luís Rivas Cruz e Baldomero Iglesias Dobarrio, *Cantos, coplas e romances de cego* (Lugo, Ophiusa, 1998) encontramos nom poucos romances locais em castelhano, principalmente entre os classificados dentro de "Sucessos" e "Crimes e asasinatos".

À diferença da quase nula presença de formas galegas no conjunto do romanceiro vulgar alguns romances locais em castelhano apresentam trechos em galego, como podemos ver no seguinte exemplo:

-Atención pido, señores, un momento por escrito  
para escuchar la canción del caballo de Dosito:  
El día 3 de setiembre qué día tan descgraciao  
para los de Rui de Ferros para Dosito y Castro  
[...]  
sal a María de Palheiro chillando *coma as culebras*:  
*-Deixa-me algo desses huesos pra amecer as minhas pernas*<sup>(20)</sup>.

Alguns romances de tipo local começam em castelhano, de acordo com a tendência geral do romanceiro de cordel, mas nom tardam em expressar-se na língua do país por ser a comum entre o auditório, e, portanto, a que melhor pode reflectir os factos narrados. No seguinte texto fai-se explícita esta mudança de língua:

Ese día tan nombrado se empezó la carretera  
empezaron los lamentos para los que dan las tierras.  
*Pra que melhor nos entendan deixemo-lo castelhano*  
*para contar o que passou desde o porto hasta Navalhos*<sup>(21)</sup>.

Por outro lado, "a musa popular" também compujo temas em galego que nom tenhem necessariamente a ver com acontecimentos do lugar ou com o mundo rural. Em língua galega encontramos "romances" até de tema político como o intitulado *Resposta escontra unha ixuria* (1936), de ideología anti-republicana:

*Uns lampantins, sinvergonzas qu' a Pasionária amanceba,*  
*sin migalha de coraxe pra batir-se nas trincheiras*<sup>(22)</sup>,

ou como este dedicado a Francisco Franco que principia:

(20) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego*, vol. IV, p. 66, nº 95.

(21) *Ibidem*, p. 45, nº 26.

(22) Un cantor de Cortegada, *Resposta escontra unha ixuria*, Vigo, Artes Gráficas Gutenberg, 1936, apud Anexo a Xesús Alonso Montero e Miro Villar, *Guerra Civil (1936-1939), e Literatura Galega. Textos e Documentos para unhas Xornadas de Estudio e Debate*, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, 2000 ([www.consellodacultura.org/mediateca](http://www.consellodacultura.org/mediateca)).

*Viva Franco, viva Franco, nunca el havia morrer  
foi o melhor governante que no mundo pudo haver!  
[...]*

e termina:

*-I aqui acabei, senhores, o que eu lhe pude explicar  
recemos todos por Franco que el pra todos foi bom pai<sup>(23)</sup>.*

### O parrafeo ou desafio

Alfonso Hervella Courel, no prefácio à magnífica colecçom de romances que obtivo antes de 1909 na sua terra natal do Bolo, inclui um parrafeo cujos versos iniciais estám em castelhano: "He aquí uno de estos parrafeos o *enchoyadas*, copiado fielmente por nosotros en un *fiadeiro* de nuestras montañas":

Home:	Tenga usté muy buenos días y también las madrugadas, señora que andas <i>na huerta</i> <i>colhendo maravalhadas.</i>
Mulher:	Márchate con Dios, galán, <i>que est' ano já nom me caso</i> o anoxo do meu pai já lhe vai indo passado [...]

"Puede verse por este ejemplo, cómo son en general los parrafeos que aquí se estilan. Algunos de sus versos están en castellano; no pocas estrofas son consonantadas (acomparadas, como aquí dicen) en los pares, y casi todas comienzan repitiendo un tanto modificado el último o últimos versos de la estrofa anterior, medio que, unido a ciertos lugares comunes

---

(23) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego*, vol. IV, pp 84-85, nº 141. A identificaçom da língua galega com as forças democráticas, incluída o galeguismo, que resultárom derrotadas na Guerra Civil do 36, nom é totalmente certa. Nom só durante o franquismo escritores que eram galeguistas antes da deflagraçom e que passárom para o lado contrário, como Risco ou Cunqueiro, nom abandonárom num grau u outro o uso escrito do galego, senón que durante o conflito bélico das fileiras dos sublevados se compugérom textos semicultos em galego, na sua maioria de carácter político como se pode ver nos trabalhos de Claudio Rodríguez Fer (*A literatura galega durante a Guerra Civil (1936-1939)*, Vigo, Ediciones Xerais, 1994) e de Xesús Alonso Montero ("Literatura en lingua galega de 1936 a 1953: Algúns aspectos da reacción lingüística", especial *Os anos despois (1936-1953)*, A Nosa Terra, Vigo, 1987), por citar só os dous principais contributos destes autores sobre o tema.

que el uso consagra, simplifica en gran manera la labor improvisadora o retentiva<sup>"(24)</sup>.

Numa obra mais recente, no Cancioneiro Popular Galego de Schubarth e Santamarina, a maioria dos parrafeos velhos estám em galego, embora haja alguns em castelhano<sup>(25)</sup>; encontramos mais compostos na língua de Castela entre os classificados como parrafeos novos<sup>(26)</sup>.

### A lírica tradicional

O mais conhecido género literário oral na Galiza (tal como nos outros países ibéricos) a cançom lírica, *a cantiga* ou *cántiga*, tampouco é alheio à presença do idioma castellano. Já Saco y Arce na sua *Literatura Popular de Galicia* (reunida antes de 1881, ano da morte do seu compilador) recolhia um número importante de cançons em língua castelhana (exactamente 208, assi como 14 seguidilhas)<sup>(27)</sup>, mas na maioria dos trabalhos dos séculos XIX e XX do cancionero popular galego é raro incluírem cantigas em castelhano<sup>(28)</sup>. No entanto, na mais recente e completa e ediçom da cançom tradicional galega, o criterioso *Cancioneiro Popular Galego* de Schubarth e Santamarina, as cantigas na língua de Castela somam um número considerável: em quase todas as páginas do volume VI desta obra encontra-se, no mínimo, umha composiçom em castelhano.

A notória presença de cançons neste idioma na Galiza obedece a causas diversas, entre elas a influênciia do género romancístico no seu homólogo lírico. Assi, por exemplo os dous versos iniciais das duas variantes desta cantiga estám tomados de *O Conde Ninho*):

Válgame Dios lo que canta  
la sirenita en el mar;  
*os navios deram volta*  
*sólo pola ouvir cantar.*

(24) Alfonso Hervella Courel, *Romances populares gallegos recogidos de la tradición oral*, 1909, cópia do Archivo Menéndez Pidal, pp. XI-XIV (inédito). No entanto, os únicos versos em castelhano destas enchoiadas som os que aqui reproduzimos.

(25) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego. Cantos dialogados*, vol. V, t. II: Letra, núms. 1 a, 1b e 1c.

(26) *Ibidem*, núms. 72, 78, 79, 82 84, 85 e 86.

(27) Saco y Arce, *Literatura ...*, pp. 165-181, pp. 186-187 e pp. 191-192.

(28) Duas excepcions seriam o já mencionado artigo de Fabeiro Gómez (*vid. nota 2*) e o de Víctor Lis Quibén, "Cancionero y refranero de los canteros de Galicia", *Boletín de la Real Academia Gallega*, t. 28, núms. 321-326, 1957, pp. 151-164.

*j'Válgame Dio-lo que canta  
a sereninha na mar!*

*Os marinheiros dam volta  
sólo pola oir cantar! (29)*

*A canteira está bem dura  
e temo-la de arrombar*

*iá ama do señor cura  
la tenemos de matar<sup>(30)</sup>.*

cujo último verso recorda a *Má sogra*. Também os dous primeiros versos da seguinte *cantiga* som dous hemistíquios formulaicos presentes em diversos romances como *O Conde Flores*, *A apariçom*, etc.:

*A la entrada de este pueblo,  
salida de este lugar,  
prometérom-me umha tunda  
salga quien me la ha de dar<sup>(31)</sup>.*

Esta interacçom da cançom épico-lírica ou romance com a cançom lírica que podemos ver na tradiçom popular galega dos nossos dias trata-se de um velho fenómeno já documentado na literatura castelhana medieval<sup>(32)</sup>.

Grande parte das cantigas em castelhano que figuram na coleçom de Saco som de assunto amoroso ou de tema filosófico e religioso, e igualmente se passa no *Cancioneiro* de Schubarth e Santamarina, onde muitas das composiçons líricas de *namorar*, das filosóficas e das religiosas<sup>(33)</sup>

---

(29) Xoaquín Lorenzo, *Cantigueiro popular da Limia Baixa*, Vigo, Galaxia, 1973, p. 161, e Domingo Blanco, *Escolma de literatura popular galega*, Vigo, ASPG-A Nosa Terra, 1996, p. 73.

(30) *Ibidem*, p. 29.

(31) *Op. cit.*, vol VI, p. 227.

(32) Samuel G. Armistead, "Estudio Preliminar", em Paloma Díaz Mas, *Romancero*, Barcelona, Crítica, 1994, pp. XIII-XV.

(33) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego. Coplas diversas, cantos ennumerativos e estróficos*, vol. VI-t. II, 1993, pp. 72-74, 193, 207 e 219. No *Cantigueiro* de Xoaquín Lorenzo hai alguns exemplos de uso do castelhano nas cantigas amorosas:

"Debaixo da tua ventana  
tem a perdist o seu ninho;  
eu, como som perdigom,  
a tu reclamo he venido". (p. 67, 710)

"Deches-me un dulce te amo  
un día nun cementerio;

fôrom transmitidas em castelhano, o qual evidencia que também se prefeira esta língua no âmbito rural para os momentos de maior intensidade afectiva ou de maior reflexom intelectual. Por outro lado, nesta última compilaçom pode-se ver como se manifestam em castelhano as cantigas para apresentar-se ou chamar-se, da mesma maneira que na comunicaçom quotidiana as saudaçons e os nomes se expressam nesta língua<sup>(34)</sup>.

A língua castelhana das cantigas galegas, como nom podia ser de outro modo, incorpora traços da sintaxe da língua do país, enquanto que os galeguismos léxicos costumam estar relacionados com o mundo referencial mais próximo:

La despedida te doye  
como da la *pita* i al gallo  
cómo me he de apartare  
de ese cuerpo tan resalao<sup>(35)</sup>.

Cómo se colea  
la *troita* n'el agua,  
cómo se colea  
tu cuerpo, rapaza,  
tu cuerpo, rapaza,  
cómo se colea  
la *troita* n'el río<sup>(36)</sup>.

¡Cuánto vale un cuerpo bueno  
puesto en una bocacalle,  
con la mano en la *ilharda*:  
por aquí no pasa nadie!<sup>(37)</sup>

Yo quisiera tener madre,  
aunque fuese de una *silva*,

---

de amor que nace entre mortos,  
cal será o fim *postrero*?"(p. 67, 717)

Também a maioria das *coplas* em castelhano que aparecem num dos mais recentes e conseguidos trabalhos sobre o saber popular galego, son de assunto amoroso, *vid.* M. Ofelia Carnero Vázquez *et alii.*, *Da fala dos brañegos. Literatura oral do concello de Abadín*, Deputación Provincial de Lugo-Museo Provincial de Lugo, 2004,

(34) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego*, vol. VI, pp. 247-248.

(35) *Ibidem*, p. 38, 166b.

(36) *Ibidem*, p. 53, 265.

(37) Saco, *Literatura...*, p. 170, nº 65.

que aunque la *silva* picase,  
siempre era la madre mía<sup>(38)</sup>.

No te fies *en los hombres*,  
aunque los veas llorar,  
*al virar* de las espaldas,  
el pago que te *han de dar*<sup>(39)</sup>.

Debajo de tu ventana  
sepultura debe haber,  
para enterrar los deseos  
que tenía de *te ver*<sup>(40)</sup>.

No repertório das cantigas locais das colectáneas de Saco e de Schubarth-Santamarina pode-se deparar com textos em língua castelhana, independentemente do carácter urbano ou rural da localidade:

Tres cosas hay en Orense.  
como no las hay en España.  
el Santo Cristo, la puente,  
y la Burga hirviendo en agua<sup>(41)</sup>.

Adiós, villa de Vivero,  
ventanas y corredores,  
todo queda relumbrando,  
convento Val de Flores<sup>(42)</sup>.

El cielo de La Coruña  
está cubierto de azul;  
por eso las coruñesas  
tienen la sal de Jesús<sup>(43)</sup>.

---

(38) *Ibidem*, p. 174, nº 112.

(39) *Ibidem*, p. 173, nº 104.

(40) *bidem*, p. 175, nº 125.

(41) *Ibidem*, p. 181, nº 201.

(42) *bidem*, p. 170, nº 70.

(43) *bidem*, p. 166, nº 20, hai-na também em galego: p.159, nº 1159.

Soy de Bande,  
soy de Bande,  
soy de Bande,  
soy bandesa,  
soy de Bande,  
soy de Bande,  
y aunque lo soy,  
no me pesa<sup>(44)</sup>

Soy de Muros muradana,  
soy de la costa de Muros,  
soy de donde me da la gana<sup>(45)</sup>.

No los quiero de Melide,  
de Melide no los quiero,  
no los quiero de Melide,  
que gastan mucho salero<sup>(46)</sup>.

Por outro lado, também encontramos canções sociais em castelhano como esta que recolheu o professor Xesús Alonso Montero antes de 1968:

Señores, en este pueblo  
hay un motor  
que se lleva ocho partes  
el armador.  
Sólo piensa en este mundo  
amontonar  
y ganar unas pesetas  
del sudor ajeno.  
¡Eso está muy mal!  
¡Pun!<sup>(47)</sup>

---

(44) Schubarth-Santamarina, *Cancioneiro Popular Galego*, vol. IV, p. 125, 374 b. Rosalia de Castro nos seus *Cantares Gallegos* acaba o poema 18 com umha cantiga popular antecedente desta em castelhano: "Anque che son da montaña/ anque che son montañesa/ anque che son, non me pesa" (*Cantares Gallegos*, (ed. Xavier Rodríguez Baixeras), Vigo, Edicións Xerais, 1990, p. 142).

(45) *Ibidem*, p. 125, nº 375 b.

(46) *Ibidem*, p. 151, nº 528 bis.

(47) Jesús Alonso Montero, *Realismo y conciencia crítica en la literatura gallega*, Madrid, Editorial Ciencia Nueva, 1968, p. 211.

### A festa dos *Maios*

A festividade agrária dos *Maios*, que com notável vitalidade se manteve na maioria das principais cidades e vilas da Galiza, nem tem sido alheia ao emprego do castelhano, em boa medida devido ao seu carácter urbano. As mais antigas cantigas e cantares deste rito popular que se conservam som posteriores à segunda metade do século XIX, e os cantos tradicionais que acompanhavam esta festa fôrom progressivamente substituídos por cantigas em que predominava o sentido crítico sobre factos da actualidade, que som as que hoje se transmitem<sup>(48)</sup>. Em geral, os novos cantares desta comemoraçom primaveril fôrom compostos na língua autóctone, mas o castelhano nunca estivo ausente nesta festa, sobretodo em certos lugares. Assi, em Pontevedra a substituiçom do galego polo castelhano produziu-se nos meados do século XIX, e este uso foi crescendo até inícios do século XX; também nalgumhas vilas próximas à capital do Lérez como Redondela e Marim transmitírom-se durante o mesmo período textos em castelhano<sup>(49)</sup>.

Junto das mencionadas cantigas modernas de maios em castelhano que, tal como as compostas em galego, se caracterizam por criticar factos recentes, e que som cantadas num só ano e por um único grupo, existe um outro grupo de cantigas em língua castelhana. Aqui incluem-se umha série de cançons que se transmitem todos os anos, e que segundo Clodio González Pérez, o maior estudioso actual desta tradiçom na Galiza, som habituais nos maios do centro e do leste peninsulares: a Serra de Albaicín (Cuenca), as áreas castelhanas de Valênciâ e algumhas províncias de Castela e Andaluzia<sup>(50)</sup>. Este etnógrafo constatou a galeguizaçom dalgumhas palavras destes cantos foráneos, concretamente nuns textos obtidos em Santiago e em Tordoia (Corunha)<sup>(51)</sup>.

A respeito das cantigas tradicionais que acompanhavam às comemoraçons dos maios, algumhas eram cantadas em castelhano ou em galego dependendo da localidade; por exemplo, umha cantiga das maias pagás que em Muros se conhecia em galego, em Carnota era transmitida em castelhano<sup>(52)</sup>. González Pérez, ao indicar as diferenças entre as maias pagás, antecedentes das actuais cantigas críticas, e as maias cristás, apon-

---

(48) Clodio González Pérez, *A festa dos Maios en Galicia*, Pontevedra, Deputación Provincial, 1989, p. 57.

(49) *Ibidem*, p.59.

(50) *Ibidem*, pp. 233-234.

(51) *Ibidem*, pp.234-235.

(52) *Ibidem*, p. 57.

ta o maioritário castelhanismo lingüístico destas últimas, fenómeno devido ao seu carácter urbano e à sua temática religiosa<sup>(53)</sup>.

### Oraçons

A secular indiferença da Igreja Galega pola língua do país, que inclusive fijo ouvidos surdos às recomendações de evangelizar o povo na sua própria fala do Concílio de Trento (1545-1563) e do Concílio Vaticano II (1963), explica que a maioria das oraçons, assim como doutras composições de carácter religioso, sejam transmitidas em castelhano ou em *castrapo* na tradição oral da Galiza. Segundo Vicente Risco, as oraçons galegas eram, em termos lingüísticos, "unhas en galego, outras en castelán, outras en castrapo ou en mistura; enxebres unhas, importadas outras; de fonte erudita ou de fonte popular"<sup>(54)</sup>. Polo seu lado, Clodio González salientou o castelhanismo lingüístico predominante em grande parte dos textos de carácter religioso do folclore galego, assinalando algumas das razões desta realidade:

... os más dos nosos ensalmos, bendicións, oracións, etc., etc., non son más que unha mistura lingüística, unhas veces debido a que en un principio deberon estar en castelán e outras -quizais as más-, feitas exprofeso nesta lingua para darrle más poder de curar diante dos galegofalantes<sup>(55)</sup>.

Mas, como se pode comprovar nos trabalhos ou nas colectáneas sobre a literatura oral galega, como os de Vicente Risco, as monografías locais do Seminário de Estudos Galegos, a revista *Nós* ou, posteriormente, a *Escola de Carballedo* (1976) de Nicanor Rielo Carballo, as oraçons muito raro aparecem em galego e quando se produze a galeguizaçom lingüística esta costuma ser parcial<sup>(56)</sup>.

### Os ensalmos

Embora a maioria dos ensalmos de *La medicina popular en Galicia* de Víctor Lis Quibén se encontrem na língua do país, no entanto, o castelhano non é elemento estranho nas práticas curativas do campesinado da Galiza como já vimos na cita anterior de Clodio González. Na obra clás-

(53) *bidem*, p. 243.

(54) Vicente Risco, "Etnografía ... ", p. 369.

(55) González Pérez, "Aproximación á antropoloxía e ... ", p. 152.

(56) Algumas oraçons em galego com castelanismos podem achar-se nas pp. 370-371 do trabalho citado de Risco.

sica de Lis Quibén aparecem na língua de Castela ensalmos para curar os diversos males de ar<sup>(57)</sup>, o meigalho<sup>(58)</sup>, as afecções dermatológicas<sup>(59)</sup>, doenças do abdómen e das costas<sup>(60)</sup>, as úlceras da córnea<sup>(61)</sup>, a icterícia<sup>(62)</sup>, enfermidades infantis<sup>(63)</sup>, a pústula maligna<sup>(64)</sup>, as queimaduras<sup>(65)</sup>, os vermes<sup>(66)</sup> e nos tratamentos do gado<sup>(67)</sup>. Além dos ensalmos em castelhano com algum que outro galeguismo ocasional, quase todas estas afecções também podem ser tratadas com ensalmos bilingües que podem principiar em galego e continuar em castelhano:

Pola ponte de San Fiz  
unos pasan y otros non,  
preguntando los unos a los otros:  
¿De qué mal es esta Pozoña?<sup>(68)</sup>(mal de ar)

Hidrope, Hidropesía,  
amarén, esmerén,  
saca todo o mal que no corpo tem.  
No te vengo para cortar  
que te vengo para sanar.  
Con el poder de Dios  
y de la Virgen María,  
un Padre Nuestro  
y un Ave María,  
a la Santísima Virgen<sup>(69)</sup>. (hidropsia)

Ou vice-versa, começar em castelhano e seguir em galego:

---

(57) Víctor Lis Quibén, *La medicina popular en Galicia*, Madrid, Akal, 1980<sup>2</sup>, pp. 47, 52, 63-64, 68-69, 77, 82 e 84-87.

(58) *Ibidem*, pp. 105-106 e 109.

(59) *Ibidem*, pp. 131, 155 e 162.

(60) *Ibidem*, pp. 176-177 e 180-182.

(61) *Ibidem*, pp. 188, 190-192 e 195.

(62) *Ibidem*, pp. 209-210.

(63) *Ibidem*, pp. 264-265.

(64) *Ibidem*, p. 286.

(65) *Ibidem*, p. 289.

(66) *Ibidem*, pp. 214-215.

(67) *Ibidem*, pp. 312-313.

(68) *Ibidem*, p. 51.

(69) *Ibidem*, p.281.

Nube negra  
Dios te extienda  
nube rubia  
Dios te destruya, nube blanca  
Dios te esparza.  
Tres Apóstoles santos  
*iban por um caminho*  
*co meu Senhor Jesucristo*  
*atopárom.*  
*Ô, meus santos, pra donde ides?*  
-Imos pro Monte Olivar.  
-Que ides catar.  
-Ervas é (de?) un año  
pra curar Fístolas,  
Chagas, Feridas.  
Daqui vos volverés,  
prometimiento me farés  
que ouro nem prata nom tomares.  
Tomarei a sal da mar  
agua da fonte perenal,  
la lidra (cidra?)  
e aceite de oliva.  
*Con esto curares*  
*Chagas e Feridas*  
*co poder de Dios*  
*e da Virge María*<sup>(70)</sup>. (curaçom de chagas, fístulas e feridas)

Este ensalmo (que apresenta formas incompreensíveis para o seu editor, tal como outras inexistentes em galego ou no castelhano de Galiza: *volverés, tomarés*) principia em castelhano para conjurar o que se crê ser o causante do mal (a nuve) para utilizar na curaçom do enfermo, a sua língua, o galego.

Noutros casos misturam-se passages nas duas línguas:

---

(70) *Ibidem*, p. 275.

Jesucristo va delante  
la madre que lo parió.  
Santísimo Sacramento,  
la cruz onde padeció.  
En este cuerpo todas son cruces,  
desde a cabeza hasta os pés;  
si tuvieras algún demonio  
"Verbum crucis perpetuum non es",  
porque yo bendizo este cuerpo,  
*desde a cabeza aos pés.*  
Corto plagas, rabias,  
odios, malas vistas,  
endemoniadas, enfeitizadas,  
*tamém che corto a brujería,*  
en este mal morrería,  
en este cuerpo nunca entraría.  
*Corto-che o aire de morto*  
*e de vivo e de escominicado,*  
*corto-che o aire da ventana*  
*a e si che figérom algum feitizo*  
*na roupa do corpo*  
*ou en comidas ou en bebidas,*  
*e desconxurado*  
*de aqui pra fora.*  
Con la bendición de San Quiatán Avelino,  
te recomiendo a San Vicente,  
*para que o demo nom che atente.*  
Con la bendición de Dios Padre  
y de Dios Hijo  
y del Espíritu Santo  
y de la Santísima Trinidad  
y de Nuestro Señor Jesucristo.  
Amén<sup>(71)</sup>. (meigalho)

Ana, Susana, Santa Isabel,  
ellas tres hermanas son,

---

(71) *Ibidem*, p. 108.

fueron al Monte Calvario  
a buscar un ramo de oliva,  
*pra lhe erguer a Espinhela e Paletilla*  
a F. de T., que a tem caída.  
Pola gracia de Dios  
e de la Virgen María<sup>(72)</sup> (males das costas)

Toda a parte religiosa do discurso destes doux ensalmos é em castelhano, enquanto o galego é empregado para nomear o referente mais próximo que pode existir: o corpo. Algo semelhante acontece na seguinte versom: a cena entre Cristo e Sam Lázaro desenvolve-se, "naturalmente", na língua da Igreja na Galiza, o castelhano, mas quando se procede a referir-se ao corpo e ao mundo natural recorre-se à língua do dia-a-dia da comunidade:

Estando San Lázaro no seu urzal  
pasó por allí Nuestro Señor y le dijo:  
-¿Qué haces ahí, Lázaro?  
-Estoy llorando mis males.  
-Bendícelos.  
-Señor, yo no sé.  
-Coge: *um raminho do teu urzal,*  
*umha agulhinha de fonte plenar,*  
*tres areninhas de sal do mar,*  
*e tres carboncinhos do teu lar.*  
Ucera, Ucerón, Decipela, Decipelón  
Mor Ardente, Xarampelo y Xarampón,  
*dá-lle polos pés, dá-lle pola cabeza,*  
*pra que este mal non creça,*  
*nim faga cousas*  
que mal parezcan.  
Por la gracia de Dios  
y de la Virgen María  
un Padre Nuestro  
y un Ave María.<sup>(73)</sup> (meigalho)

---

(72) *Ibidem*, p. 176.

(73) *Ibidem*, pp. 160-161.

Noutras ocasions inserem-se frases em castelhano num contexto galego que servem para enfatizar a voz da Santísima Trindade, como podemos ver nesta amostra:

Yo te corto, Herpes malino,  
*que baixes pra baixo,*  
*e nom venhas pra riba.*  
Yo no soy quien te corto,  
que es el Padre, el Hijo y el Espíritu Santo.  
*Co poder de Dios*  
*e da Virgen María,*  
un Padre Nuestro  
*e umha Ave María<sup>(74)</sup>.* (herpes)

### A narrativa tradicional em prosa: o conto e a lenda

As narraçons tradicionais em prosa evidenciam, com umha clareza maior que os outros géneros de literatura popular transmitidos na Galiza, a realidade diglóssica do país. Nos contos e lendas galegos quando se utiliza o castellano reflecte-se a que tem sido a situaçom socio-lingüística galega até datas mui recentes: o castelhano é a língua das classes sociais altas, isto é, o idioma dos usos formais, ficando o galego como um registo inferior por ser a língua das classes subalternas. Nos contos e lendas os personages que ocupam as posiçons mais altas na pirámide social se expressam na língua de Castela: os ricos, os padres, os mestres, os advogados (sobretodo quando realizam o seu labor profissional), e neste idioma, graças ao seu carácter extraordinário nas comunidades rurais, manifiestam-se os seres extraordinários como Jesuscristo, a Virge, os santos, o demo, as mouras e, inclusive, os animais quando estes falam. As ordes som igualmente dadas em castelhano a fim de reforçar o seu sentido imperativo e alguns contos e lendas finalizam com umhas palavras em castelhano, trás ter sido recitados em galego. Mas nem sempre é estável o uso do castelhano na prosa tradicional da Galiza; assi, esta língua pode aparecer noutrós contextos além dos que acabamos de assinalar, e nalgumhas localidades convivem textos monolingües em galego com outros bilingües ou diglóssicos, se se preferir<sup>(75)</sup>. Por outro

---

(74) *Ibidem*, p. 199.

(75) González Pérez, "A diglosia...", p. 183.

lado, o deficiente conhecimento do castelhano de certos informantes explica que, por exemplo, umha moura principie falando em castelhano para depois passar-se para o galego<sup>(76)</sup>. Segundo Clodio González esta incorporaçom do castelhano nalguns relatos trata-se de um fenómeno novo, minoritário face à imensa maioria de narraçons tradicionais na língua própria da Galiza.<sup>(77)</sup>

### A dramaturgia

As farsas relacionadas com o ciclo carnavalesco (tam arreigado na cultura rural apesar da proibiçom do entrudo durante o franquismo) oferecem vários testemunhos da presença da língua castelhana na dramaturgia folclórica como o *Reinado y muerte del Urco*, farsa organizada em Ponte Vedra em 1876<sup>(78)</sup> ou o *Testamento do Entrudo* de 1948 de Casa de Naia (Antas de Ulha, Lugo)<sup>(79)</sup>. Os chamados "encontros de generais" da bisbarra do rio Ulha realizam-se em galego e em castelhano, num castelhano muitas vezes perfeito, como, por exemplo, o sermom de Santa Cristina de Vea de 1973<sup>(80)</sup>. De acordo com Olimpio Arca Caldas, estudiioso desta festa popular nas terras da Estrada:

O castelán está presente sempre nos parlamentos da tropa: correos e xenerais, e noutros tempos nos cantares do coro e dos vellos. [...] O galego, hoxe, utilízase sempre no diálogo dos vellos e, case sempre, nas cancións do coro principal, se ben áfinda se atopan cancións en castelán. O porqué desta dicotomía non somos nós quen para explicala. Segundo podemos recoller de gran parte dos entrevistados a razón de empregar o castelán nos xenerais débese ó maior prestixio desta lingua por ser a lingua das autoridades. Non se concebía que un xeneral puidese falar galego. Algúns opinaron que os encontros dos xenerais case sempre os facían persoas cultas e cunhas noções da historia. Os versos dos cantares dos vellos eran compostos por xente da parroquia cun aquel natural para a rima. As cancións do coro pertencían a antigas cancións de espadelas e

(76) González Pérez, "A diglosia...", p.184.

(77) González Pérez, "Aproximación á antropoloxía...", p.155. Numa das mais recentes e ricas coleccions de contos populares também encontramos alguns textos com partes expressadas em língua castelhana: *vid.*, por exemplo, nas pp. 202-205, 282-283, 327-328, 402-403 de Camiño Noia Campos, *Contos galegos de tradición oral*, Vigo, Nigratrea, 2002.

(78) Antonio Fraguas Fraguas "Antroido", *Gran Enciclopedia Gallega*, vol. II, Gijón-Santiago de Compostela, Silverio Cañada, 1986, p. 123.

(79) Antonio Fraguas Fraguas "La farsa de Casadenaya (Antas de Ulla)", *Boletín de la Real Academia Gallega*, t. 27, 1956, pp. 165-166.

(80) Fraguas "Antroido", pp. 123-124.

fiadeiros que se misturaban con outras de moda, xa fosen en galego ou castelán<sup>(81)</sup>.

A cantiga habitual na carnavalesca *corrida do galo* expressa-se em castelhano (*Aquel día funesto/ Domingo de Corredores/ que en quitándome la cabeza/ me comerán los señores*<sup>(82)</sup>), e na farsa de Meda de 1948, podemos ver como no julgamento polos delitos do galo produxe-se um claro exemplo de diglossia, umha vez que o juiz e os advogados falam em castelhano, enquanto que as testemunhas do povo o fam em língua galega<sup>(83)</sup>. Noutras localidades estas farsas ou testamentos relacionados com o galo parece que se realizavam na fala do país, como em Ribadulha o Valga<sup>(84)</sup>. Nas terras do sul de Cotoade a cantiga que se dedicava às máscaras dos *maragatos* (disfarce feito com um traje que se vestia ao revés ou com um uniforme militar que emprestava um morador) era em castelhano (*Maragato pato/rabo de la cincha/cuando el gallo canta/maragato rincha*)<sup>(85)</sup>, e em dous lugares desta área, Augasantas e Valongo, recolheu-se um sermón de burlas dedicado ao santo do carnaval, Sam Garrán, em que se alternavam galego e castelhano praticamente na mesma proporçom<sup>(86)</sup>.

Numha terra de grande tradiçom carnavalesca como é Laça, também se realizam representaçons dramáticas como o *Sacrificio de Isaac*, que tem lugar os 3 de Maio, ou os encontros entre mouros e cristaos, eventos que se representavam em castelhano<sup>(87)</sup>. Igualmente em Mouroás (San Joám do Rio) os moros e cristaos parlamentavam nesta língua.<sup>(88)</sup>

Na época da Natividade segundo Saco y Arce parece que se represen-tava em Noia umha peça bilingüe:

En Noya nos han asegurado que se conserva aún allí una obra dramá-tica, escrita, parte en castellano, parte en gallego, que desde muy antiguo venía representándose hasta hace pocos años en los días de Navidad<sup>(89)</sup>.

---

(81) Olimpio Arca Caldas, *O entroido no Ulla. Medio século dos xenerais estradenses*, Vigo, Diputación Provincial de Pontevedra, 1995, pp. 41-42.

(82) Fraguas "Antroido", p. 121. Por outro lado, a cantiga para provocar as máscaras denominadas "maraga-toz" manifestava-se em castrapo (*Ibidem*, p. 122).

(83) Antonio Fraguas Fraguas, "Corrida do galo", *Gran Enciclopedia Gallega*, vol. VII, Gijón-Santiago de Compostela, Silverio Cañada, 1974, pp. 176-179.

(84) *Ibidem*, pp. 179-181.

(85) Antonio Fraguas Fraguas, "O entroido nas terras do Sul de Cotoade", *Nós*, nº 77, 1930, p. 88.

(86) *Ibidem*, pp. 91-92.

(87) Antonio Fraguas Fraguas, "Laza", *Gran Enciclopedia Gallega*, vol. XIX, Gijón-Santiago de Compostela, Silverio Cañada editor, 1974, pp. 2-4.

(88) Risco, "Etnografía...", p. 720.

(89) Saco, *Literatura....*, p. 37.

Em língua castelhana era representada na localidade ourensana de Seixalvo o martírio de Santa Adega. De acordo com a informaçom de Vicente Risco o castelhano utilizado polos paisanos na interpretaçom dos sofrimentos desta santa era tam deficiente que dava lugar ao escarnho do público, e mesmo na cidade de Ourense imitavam a representaçom de seus vizinhos seixalbeses:

Contaban que o Procurador román decía á Santa: "Adega, ya que los ídolos no quisiste adorar, / los peitos te mandaré cortar!" E respondía o pobo román: "Que se los cuerten! Que se los cuerten!"<sup>(90)</sup>.

Para Risco o facto desta mescla lingüística ser objecto de troça contribuiu para o desaparecimento do martírio de Santa Adega<sup>(91)</sup>.

A ultracorrecçom do verbo *cortar* que acabamos de indicar é mui frequente no romanceiro, sobretodo no tema da *Donzela guerreira*; também, segundo Vicente Risco, aparecía na representaçom que desta obra faziam em terras do Carvalhinho, mas aqui era a santa a que gritava: "*Que me los cuerten!*"<sup>(92)</sup>.

## Os jogos

A generalizaçom do ensino básico, e, principalmente, a rádio e a televisom tenhem cumprido um papel fundamental na castelhanizaçom das actividades lúdicas infantis. A escola foi siempre um activo elemento castelhanizador (mesmo hoje apesar da co-oficialidade do galego) e por isso a língua vernácula nom tem sido o único idioma utilizado polos nenos galegos nos seus jogos desde hai algumhas décadas. Nos estudos sobre o folclore galego dos anos 20 e 30 do século XX realizados por estudiosos do Seminário de Estudos Galegos recolhêrom-se textos em castelhano ou bilingües que se empregavam nos jogos infantis do ámbito rural. Na ourensana paróquia de Velhe dos anos 30 o castelhano era a única língua de jogos como o salto da corda, as rodas<sup>(93)</sup> ou *o queda* a que pertenecem estes versos:

Don Melitrón  
tenía tres gatos

---

(90) Risco, "Etnografía...", p. 719.

(91) *Ibidem*, p. 719.

(92) *Ibidem*, p. 719.

(93) Vicente Fernández Hermida *et alii*, *Parroquia de Velle*, Santiago de Compostela, Seminario de Estudos Galegos, 1936, pp. 218-219.

que los hacía  
bailar con los platos.  
A la noche  
les daba turrón.  
Que vivan los gatos  
de Don Melitrón<sup>(94)</sup>.

Noutras ocasions recorria-se a umha ou outra língua numha mesma localidade como sucedia nas fórmulas de sorteio das escondidas en Velhe: junto a umha fórmula em galego apareciam outras cinco diferentes em castelhano<sup>(95)</sup>. Algumhas fórmulas dos jogos manifestavam-se em castelhano, em galego ou em *castrapo* dependendo da localidade, assi, em Santa Marta de Moreiras o único texto em galego dos cinco que se empregavam num dos jogos da pita cega, o jogo do couto, tinha o seu equivalente em castelhano nas terras da Gudinha<sup>(96)</sup>; a fórmula do burro em Velhe era em castelhano, enquanto que<sup>(97)</sup> em Santa Marta de Moreiras<sup>(98)</sup> incluíam-se algumhas palavras em galego. Por outro lado, um dos textos que se usava, entre outros jogos, para botar a sorte nas escondidas costumava recitar-se em diversas localidades em *castrapo*, mas também havia a sua correspondente versom em castelhano:

Pin, pin  
Zamaramaca pin,  
Cuando el rey  
por aquí pasó  
siete aves convidó  
sólo una que voló.  
Zape, gache,  
vete a esconder  
detrás de la puerta  
de San Miguel<sup>(99)</sup>.

---

(94) *Ibidem*, p. 206.

(95) *Ibidem*, p. 210-211.

(96) José Ramón e Fernández Oxea (Ben-Cho-Shey), *Santa Marta de Moreiras. Monografía dunha parroquia ourensán (1925-1935)*, Sada, Ediciós do Castro, 1982<sup>2</sup>, p.332. Nesta monografia local informava-se-nos que o jogo de roda, o chamado *miquinho*, era realizado em castelhano (pp. 345-346).

(97) Fernández Hermida, *Parroquia...*, pp. 214-215.

(98) Ben-Cho-Shey, *Santa Marta ...*, pp. 329-330.

(99) V[icente] R[isco], "Outras variantes. Archivo Filolóxico e Etnográfico de Galiza", *Nós*, nº 24, p. 16, também aparece em castelhano em Ben-Cho-Shey, *Santa Marta ...*, p. 350; para as variantes em *castrapo* *vid.* Ben-Cho-Shey, "O xogo da raqueta. Archivo Filolóxico e Etnográfico de Galiza", *Nós*, nº 24, 1925, p. 15, e Fernández Hermida, *Parroquia...*, p. 209.

Outros jogos incluíam fórmulas ou letras em que se misturava o galego com o castelhano como no jogo de roda do *Mariquitas* (*Por eiquí me voy/ por eiquí me vengo/ mi Mariquita/ ¿qué estás haciendo?/ Estou degrañando millo*), no denominado *que salga la luna* (*Que salga la luna/ Que salga el sol/ De tantas cositas que quieres mejor:/ A naranxa*)<sup>(100)</sup>.

Finalmente, devemos indicar que também existírom jogos tradicionais de adultos em castelhano. No jogo de *prendas* denominado *jogo de rei*, que servia para amenizar os fiadeiros, as mulheres e os homes iam despidos a roupa num diálogo em que predominava a língua de Castela<sup>(101)</sup>.

---

(100) Fernández Hermida, *Parroquia...*, pp. 209-210.

(101) Vicente Risco e Amador Rodríguez Martínez, *Terra de Melide*, Santiago de Compostela, Seminario de Estudos Galegos, 1933, 1978, pp. 534-535, e Fernández Hermida, *Ibidem*, pp. 199-200.